

***EU E O OUTRO - PESSOA E CULTURA
DIVERSIDADE CULTURAL
E A ACOLHIDA DO OUTRO***

Carlos Rodrigues Brandão



***Este escrito foi originalmente
um capítulo de livro
ou um artigo publicado ou utilizado
para aulas e palestras.
Nesta versão "nas nuvens"
ele pode ser livre
e gratuitamente acessado
para ser lido ou utilizado
de alguma outra maneira.
Livros e outros escritos meus
podem de igual maneira
ser acessados livremente em
www.apartilhadavida.com.br
ou em
www.sitiodarosadosventos.com.br
LIVRO LIVRE***

A imagem ou semelhança de Deus não deve ser procurada nesta ou naquela faculdade do ser humano (pensamento, liberdade, personalidade) mas em sua capacidade de entrar em relação com o outro. Ter braços, um coração, um sexo, é ter um lugar para o outro em si mesmo é não ser inteiro sozinho, é descobrir que o sentido do mundo se encontra a dois: é na comunhão que ele se doa e revela.

Jean-Yves Leloup

Um cego, um rosto, uma manhã

Quando alguém da reportagem do *Jornal da Universidade*, da Federal do Rio Grande do Sul perguntou ao fotógrafo esloveno Egven Bavcar: “*como o senhor consegue ‘ver’ as fotos depois de feitas?*”. Ele respondeu: “*com as palavras dos outros*”.... O verbo ver está escrito entre aspas na pergunta. Egven Bavcar é um fotógrafo cego há 44 anos. A entrevista foi realizada como parte dos programas da exposição de fotos em Porto Alegre, sob o título: *a noite, minha cúmplice*. Quando no momento seguinte a mesma pessoa pergunta: “*pode-se dizer que o senhor fotografa através dos olhos dos outros? É isto que o leva a fotografar algo ou alguém?*” Ele continua a resposta anterior que, de propósito, deixei incompleta, dizendo isto: “*minhas fotografias só existem para mim enquanto existem para os outros. A palavra de outros olhos me conta a realidade física de minhas fotografias. Conheço somente suas realidades, conceitual e espiritual, reveladas por meu terceiro olho com o qual eu fotografo.*

Ora, esta estranha, sábia e tão tocante confiança evoca em mim uma outra. É a lembrança de um dos contos hassídicos de Martin Buber. Como ele fala também da “noite” e do “outro”, creio que vale a pena recordá-la aqui. E já que não sei como encontrá-la e citar sua fonte precisa, escrevo tal como lembro do que li ou me contaram algum dia.

Um discípulo pergunta ao Rav: mestre, quando na manhã do Shabbat eu posso saber que a noite terminou e já é dia? Você saberá que já é dia, responde o Rav, quando houver luz suficiente para você reconhecer, no rosto de um outro, o seu irmão.

Da diferença cultural para o acolhimento do outro

Não quero falar aqui sobre as diferenças que nos unem e nem sobre teorias científicas ou opções de ação social ligadas à questão tão atual da diversidade cultural, do multiculturalismo. Já falei e escrevi muito "tecnicamente" sobre este tema. Em um encontro sobre este, em que o que importa de fato é a relação pessoal e coletiva EU-OUTRO, ou NÓS-e-ELES, quero vir falar aqui sobre algo que, a meu ver, está na própria substância e na intimidade mais humana de tudo isto. Quero falar sobre o que me parecem passos em direção a uma genuína ACOLHIDA DO OUTRO. Não se espantem, portanto, com a confiança de que vim falar aqui sobre o AMOR.

Vindo no entanto do mundo da ciência, quero abrir este estranho falar com palavras de um cientista da vida, um biólogo. Trago o depoimento de Matt Ridley. Ele parte, com tantos outros biólogos, psicólogos e mesmo antropólogos de estudos comparativos entre nós e os macacos para chegar a conclusões semelhantes às que foram escritas nas primeiras páginas deste estudo. Em uma direção outra, mas próxima, Ele busca nos macacos e em nós os humanos, respostas a esta pergunta crucial e não resolvida: afinal, somos "naturalmente" seres cooperantes e solidários, ou a vida imprimiu em nós uma herança genética em que a concorrência, a competição e o conflito constituem a nossa natureza original? E ele conclui o seu estudo dizendo isto.

Nossas mentes foram formadas por genes egoístas, mas para serem sociais, fidedignas e cooperadoras. É um paradoxo que este livro tenta explicar. Os seres humanos têm instintos sociais. Vêm ao mundo equipados com predisposição para aprender e cooperar, para distinguir o fidedigno do traiçoeiro, procurar ser leais, conquistar boa reputação, trocar produtos e informações e dividir o trabalho. Nisso estamos sozinhos. Espécie alguma avançou tanto em sua caminhada evolutiva, pois nenhuma outra construiu uma sociedade tão integrada, à exceção dos parentes dentro de uma grande família, como a colônia de formigas. (...) Longe de ser uma característica universal da vida animal, como Kropotkin acreditava, a tendência a cooperar é a marca de qualidade e legitimidade do ser humano, aquilo que nos distingue de outros animais.

Nós, os seres humanos, somos seres aprendentes. Somos seres sempre instável e interativamente relacionais, afetivos e racionais. Aprendemos a saber uns com os outros, porque o movimento biologicamente original em nós é o desejo da presença do

outro e a partilha com ele da experiência do estar-com. A vivência do partilhar em-mim a existência-presença de meu outro sem outro proveito que não seja o conviver.

Tudo o mais seriam derivações deste movimento essencial. E o *amor* é o melhor nome para esta emoção ativa que gera, com outros termos e com os fundamentos de uma outra ciência, a reciprocidade gratuita que ordena (ou deveria ordenar) todas as outras interações entre pessoas humanas. Não aprendemos a reciprocizar, a trocar e a partilhar como uma estratégia cultural inevitável e geradora da aliança entre grupos através de seus indivíduos e de comunidades através de seus grupos. Se assim procedemos, social e culturalmente é porque, *natural e geneticamente* somos a espécie animal que ao se humanizar (ou “hominizar”) o fez, passo a passo, porque ascendeu do poder sobre o outro ao amor pelo outro.

A emoção fundamental que torna possível a história da hominização é o amor. Isto pode parecer chocante, mas, insisto, é o amor. Não estou falando a partir do cristianismo (...) O amor é constitutivo da vida humana, mas não é nada de especial. O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, e é este modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso digo que o amor é a emoção que funda o social: sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social.

A competição é anti-social. A competição, como atividade humana, implica a negação do outro, fechando seu domínio de existência no domínio da competição. A competição nega o amor. Membros das culturas modernas prezam a competição como uma fonte de progresso. Eu penso que a competição é uma grande cegueira, porque nega o outro e reduz a criatividade reduzindo as circunstâncias da coexistência.

(...)

A origem do homo sapiens não se deu através da competição, mas sim através da cooperação, e a cooperação só pode se dar como atividade espontânea através da aceitação mútua, isto é, através do amor.

De uma maneira menos biológica e talvez ainda mais marcada do que em Humberto Maturana, Martin Buber, com quem nos encontramos páginas acima, torna a partilha do amor o lugar central de toda a verdadeira relação humana, algo tão essencial na experiência do entre-nós, que sequer o EU (que ele sempre escreverá com duas

maiúsculas) existirá sem a presença do outro. De um TU (idem) que na relação EU-e-TU, cria e preserva a unidade real da pessoa e da pessoalidade. E o vínculo que torna existente e fundadora esta unidade dual é, uma vez mais, o amor. Tal como em Maturana, o amor não é um sentimento entre outros. Nós não geramos o amor, não o criamos. Através do encontro com o outro *ele* acontece entre *nós*. E este acontecer gera e torna presente e existente em/entre nós (um EU que não se faz existir sem o TU) a substância de nosso próprio ser. Partilho, logo, existo.

mas o homem habita em seu amor. Isto não é uma simples metáfora, mas a realidade. O amor não está ligado ao EU de tal modo que o TU fosse considerado um conteúdo, um outro como objeto, como mera referência a um sujeito chamado EU. EU-e-TU, EU/TU é a unidade essencial e primeira da vida na experiência do humano

Os sentimentos nós os possuímos, o amor acontece. Os sentimentos residem no homem, objeto: ele se realiza entre o EU e o TU. Aquele que desconhece isso, e o desconhece na totalidade de seu ser, não conhece o amor, mesmo que atribuía ao amor os sentimentos que vivencia, experimenta, percebe, exprime. O amor é uma força cósmica. Àquele que habita e contempla no amor, os homens se desligam de seu emaranhado confuso próprio das coisas; bons e maus, tornam-separa ele atuais, tornam-se TU, isto é, seres desprendidos, livres, únicos, ele os encontra cada um face-a-face (...) Amor é responsabilidade de um EU para com um TU.

A busca do outro em nossas vidas é, mais do que tudo, o nosso “movimento” mais original. Não podemos viver sem o outro, não sabemos viver sem a partilha. O fato de que parecemos estar entrando em uma era da trajetória humana em que a presença de outros “pesa” na maior parte dos casos, e então preferimos a solidão da massa diante da TV do que a convivência com as próprias pessoas de nossos círculos de vida mais cotidiana, não deve ser confundido com uma maior “liberdade de escolhas”, como alguns apregoam (principalmente os fabricante de televisão).

O certo é que convivemos com uma evidência muito forte. E ela é local e universal, municipal e planetária. Ela vale tanto para uma escola, uma cidade ou o planeta Terra. E qual é ela? É o fato de que justamente agora, quando por todo o lado começamos a abandonar os mega-projetos sociais e as mega-metas históricas e as grandes utopias, por toda a parte vemos multiplicarem-se, estenderem-se e intercomunicarem-se unidades comunitárias, movimentos sociais, frentes civis de luta por direitos humanos. Por toda a

parte surgem e se enraízam pequenos, médios e grandes grupos humanos empenhados em alguma questão humana, social, cultural, ambiental e assim por diante. Vemos pequenas unidades de ação criando e ampliando redes. Vivemos um tempo inigualável em termos de partilha e participação em grupos, comunidades e redes de ação e de mobilização social.

Vivemos hoje uma “espécie de mundo” em que, ao mesmo tempo, resulta inevitável e resulta muitas vezes impraticável o apelo urgente ao sairmos de nossa rotina e nos lançarmos solidariamente em busca de “algo mais”. Este momento sugere algo diante da evidência de que talvez tenhamos chegado, por outros e indesejados caminhos, a uma sociedade de que o próprio “Big Brother Brasil” seja a melhor metáfora. Uma sociedade “global” – ou globalizada - em que o pessoal e o familiar vêem-se cada vez mais perdidos de um genuíno caráter identitário regido por valores comunitários e cada vez mais invadidos por um “público” que, longe de representar as aspirações do bem-comum, representa a invasão da privacidade e o seu domínio por uma cultura de massa que pretende administrar em nossas mentes e, na vida social, a própria gestão dos sentimentos de cooperação, de compromisso e de participação

Mas, justamente por sermos humanos em busca de nos humanizarmos sempre mais, as nossas ações e condutas interativas em geral nos aparecem reunidas e opostas aos pares: compromisso *versus* descompromisso; cooperação *versus* competição; individualidade aberta aos outros *versus* individualismo fechado para os outros; gratuidade *versus* interesse; generosidade *versus* egoísmo; iniciativa em favor do grupo *versus* inércia em favor de “mim-mesmo”; participação *versus* alheamento.

A escolha das primeiras palavras em cada par de opostos, em nome de uma adesão pessoal e consciente a uma “vida em favor da vida”, nos convoca, por tudo o que vimos até aqui, ao vivermos em tudo e a cada momento, à abertura de nos mesmos à experiência do diálogo. Viver como quem se reconhece, em cada momento de cada dia de vida, como um alguém que é parte de círculos de pessoas que por saberem o que eu também sei, mas de maneiras diferentes das minhas, podem colocar-se diante de mim a partir do que são, do que aprendem e do que sabem. E por partilharem comigo os saberes e significados que construímos e partilhamos, devotam-se a construírem juntas, a partir das conjunturas mais simples da vida cotidiana, um cotidiano de vida cada vez mais realmente humano.

É para um dialogo mais amorosamente fecundo e profundo com toda a vida à minha volta (uma ecologia do saber e da educação) comigo mesmo (uma ecologia

profunda do eu) e com os meus outros (uma antropologia ativa do criar saber para recriar mundos mais humanos) que serve todo o esforço sempre interativo, do ensinar-e-aprender. O deixar-se educar, isto é, o estar envolvido em situações dialógicas onde cada um a seu modo, mas sempre na construção solidária com outros, adquire e constrói o seu “novo saber”, uma mesma medida em que cria, com os outros, com o círculo dos outros sujeitos culturais aprendentes (professor inclusive), um passo a mais em uma cultura mais “sabedora de si mesma”, logo, mais potencialmente humana.

Malgrado tudo, somos seres humanos. E podemos acreditar que em nosso estado original e na plenitude da experiência de nosso ser, somos seres originados do *amor* e convocados a ele. Somos pessoas destinadas a criar interações, momentos de vida, partilhas de cotidiano e história de povos e de mundos regidos/as pelo amor e dirigidas/os a ele. Somos seres vocacionados a uma história amorosa construída pela cooperação e, não, pela competição.

Estabelecer qualquer campo de relações entre pessoas – do contexto de um namoro ou de uma família ao de toda a humanidade - sobre o princípio da competição não equivale a contrapor-se a uma “visão romântica e utópica sobre a pessoa e o mundo”, a partir de uma “visão racional e realista”. Ao contrário, tudo o que nos afasta da vocação original de sermos seres do *amor* significa pensar a Pessoa, a Vida e o Mundo a partir do que não é nosso em nós mesmos e entre nós mesmos. Somos seres pertencentes à solidariedade e à cooperação, não ao interesse egoísta e à competição. Somos destinados ao encontro solidário entre sujeitos e, não, à agressão competitiva entre seres tornados objetos um para o outro.

Somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo. Há tarefas que cada indivíduo enfrenta, mas com as quais não se pode lidar individualmente. O que quer que nos separe e nos leve a manter distância dos outros, a estabelecer limites e construir barricadas, torna a administração dessas tarefas ainda mais difícil. Todos precisamos ganhar controle sobre as condições sob as quais enfrentamos os desafios da vida – mas para a maioria de nós esse controle só pode ser obtido coletivamente.

*Aqui, na realização de tais tarefas, é que a comunidade mais faz falta; mas também aqui reside a chance de que a comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; um comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa de nossos direitos. **Bauman, 133/134***

Para tanto será preciso talvez começar a pensar ou crer que a unidade concreta e experiencial do Ser não é um *eu*, mas um *nós*. E talvez nem mesmo exista um *eu-mesmo* fora de um *nós-outros*. E é bem provável que este *nós* unitário, na sua pluralidade, e como instância fundadora da subjetividade de um súbito e surpreendente *eu-entre-nós* não é uma essência construída. Não nasce como é e não existe fora do fluxo das relações intersubjetivas. Ele existe, perene e transitório, o mesmo e sempre outro, quando é e quando está sendo recriado a cada momento recriado através e nas reciprocidades vividas entre pessoas concretas e postas de algum modo em uma relação de encontro. Uma troca intersubjetiva que conecta atores interativos que não apenas vagamente se “relacionam”, mas que se recriam em uma relação vivida não como uma experiência do próximo, mas como um encontro do/com o outro. Esta é uma idéia viva no **eu e tu** de Martin Buber e creio que a grandeza de seu apelo mal nos toca ainda.

A relação dialógica criadora de unidades de *nós-outros* é de algum modo algo sempre presente, porque ela existe no ato que a cada instante está sendo criada e recriada através do encontro tão gratuito e recíproco quanto possível entre duas ou algumas pessoas. Ela é, portanto, uma sempre presença, e apenas existe quando de algum modo coloca o ser de um Outro em mim, diante de mim, comigo, e entre-nós. Assim, o estender dimensões em que a pessoa de outros se abre, gratuita e inteira a mim, sem utilidades e proveitos, ou dentro de uma absoluta reversão, de tal sorte que exista de parte a parte a sirva a uma e outro, significa, no alargamento de minhas experiências genuínas de entre-nós, um também genuíno dê-fronteiramento das dimensões do meu próprio eu. Este é o sentido em que tantas vezes dizemos entre nós que somente através de um Outro Eu me encontro comigo mesmo e me realizo a Mim mesmo. Todo o olhar em que me compreendo e me vejo mais translúcido e transparente para mim mesmo, nunca é o que vem de um espelho, mas sempre de um rosto de um Outro. E isto porque uma outra pessoa nunca me deve ser genérica, uma abstração, um conceito, sequer uma identidade coletiva. Ela somente existe para mim na experiência do encontro como uma presença absoluta. É o seu ser estampado no enfrentamento de um olhar, de um rosto. O outro não me é sequer uma imagem, uma figura posta diante de mim. Ele é um rosto único. É por isto e não por uma crença metafísica nas excelências do ser humano que há quem morra por um alguém que

mal acabou de conhecer. Som os e não podemos deixar de ser co-responsáveis uns pelos outros no sentido mais material deste elo. A presença de um outro diante de mim me impele a sair-de-mim em sua direção como o único movimento que me liberta e me torna genuinamente um eu-mesmo. .

Só quando estou genuinamente com-o-Outro, estou também comigo mesmo. E, assim, toda a solidão desejada é um exercício que me prepara para voltar um tanto melhor ao mistério do encontro com as outras pessoas. E a idéia de *comunhão*, que em nossos debates vamos deixando pouco a pouco de lado porque ela parece religiosa demais, espiritual demais, pode ser uma palavra de uma concreta e criadora força social. Eis que se ousarmos o bastante, poderemos compreender esta palavra tão afetuosamente conectiva, tanto no sentido de um amoroso e gratificante *estar-com*, ou um *ser parte de*, quanto com o sentido de um *criar com o Outro*. Sim, partilhar um momento da vida de um Outro para criar com-ele algo que seria impossível gerar por conta própria. Gerar, como razão de ser do encontro com outras pessoas, o próprio processo da *partilha na criação de*. Ali onde o que importa é sempre bem mais o viver o que se cria quando juntos, do que o produto prático que materializa a experiência de uma convivência criadora.

E neste caso às vezes tão limite, este “algo que se cria” na novidade da plena aceitação da pessoa do outro, é alguma “coisa” que, por ser o fruto de uma relação vivida no amor (= na aceitação de outros em meus cenários de vida), não deveria ser regido por uma razão utilitária de parte a parte. Ela não deveria ser utilitária, embora possa ser útil, e não deveria ser instrumental (o outro não me é meio ou instrumento algum de), mesmo quando viesse a ser proveitosa para os dois lados. A gratuidade está na porta de entrada e também na de saída de uma relação vivida como a presentificação de um encontro, por ser a partilha mútua e recíproca de um *dom do ser*, tão distante quanto possível do projeto utilitário regido pelo desejo do *ganho do ter*.

Tudo isto pode parecer difícil demais, angelical demais, romântico demais, quando lembramos do momento de mundo em que estamos mergulhados. Quando a memória do filme vivo de nossas próprias experiências cotidianas revela cenas e cenas onde o proveito e a utilidade de cada interação parecem nortear o motivo e a direção de cada ação recíproca, em todos os planos e em todos os domínios da vida. Ali, em nós, entre nós, onde queiramos ou não, uma mesma rotina parece gerenciar a lógica e a ética da vida: é e existe aquilo que vale; vale o que é útil; útil é o que é

aproveitável por mim; aproveitável é o meu ganho diante de um outro, sob a forma de múltipla de um proveito, de uma vantagem, de uma conquista, de uma acumulação, de uma promoção.

Mas esta relação gratuita, porque comungante, em que o processo da criação através de um encontro vale bem mais do que o produto criado, revela por certo a face mais ancestralmente original de nós mesmos. Revela, creio, a face de uma vocação dirigida a continuamente nos criarmos a nós mesmos através do que fazemos *entre-nós* quando estamos juntos. Somos sempre a obra de nossas mãos e de nossos espíritos que de fato importa. E a própria *libertação* cujos desafios nos reúnem aqui, é aquilo que estabelecemos entre nós, como as múltiplas faces de uma mesma experiência da *liberdade* desde quando não somos mais do que plenos outros-sujeitos ou sujeitos-outros uns para os outros, uns através dos outros.

Assim, de algum modo, a *libertação* não é um ato político que nos transporta de uma estrutura social de produção de bens e de poderes para uma outra, quando o que se tem é apenas uma passagem de sociedades e de padrões normativos de relações entre pessoas onde um primado do utilitário e do instrumental apenas muda os seus sentidos, os seus nomes e os seus senhores. A *libertação* é uma ruptura. Ela é a saída de qualquer estrutura-cenário de relacionamentos interativos (aquela que estabelece e funda um “nós”) e sociais (aquela em que funda um *entre-nós* ampliado).e nós criamos e estabelecemos os mundos sociais em de trocas e de reciprocidades em que vivemos nossas vidas) regida pelo primado do *produzir o ter*, por mais aparentemente justa e eqüitativa que seja esta lógica social de produção de bens e de serviços através de pessoas humanas.

Ua idéia de resto bastante divulgada e esquecida hoje em dia, ao mesmo tempo, poderia encerrar esta parte de nossa conversa. Ela vem do também hoje tão esquecido Erich Fromm. Já a coloquei em alguma página bem anterior, mas quero relembra-la aqui.

O amor não é principalmente uma relação com certa pessoa. Ele é uma atitude, uma orientação de caráter que determina como alguém se relaciona com o mundo como um todo, e não com um “objeto” de amor. Se uma pessoa ama apenas outra pessoa e é indiferente ao resto dos homens, seu amor não é amor, mas uma relação simbiótica ou de egoísmo ampliado. No entanto, a maior parte das pessoas acredita que o amor é constituído pelo objeto, não pela faculdade. Na verdade elas acreditam inclusive que dão prova da intensidade do

seu amor quando não amam mas ninguém, salvo a pessoa “amada”. ... Por não ver que o amor é uma atividade, um poder da alma, muita gente acredita que basta encontrar o objeto adequado, e tudo o mais se arranja por si.

A ampliação do círculo do outro-próximo

Quando resolvemos nos colocar em qualquer posição situada do *lado da vida*; situada dentro de uma *lógica da comunicação*, em tudo oposta a uma *lógica do interesse*; situada a favor de *práticas emancipatórias* e de *libertação* opostas às *práticas de exclusão*, de submissão e reprodução do primado do mercado sobre a pessoa humana, esta decisão “contra a corrente” nos convoca a uma *escolha de vida* que poderia ser com simplicidade descrita através de oito (poderiam ser seis ou doze) passos de aprendizado de relacionamentos com o Outro e de presença ativa na co-responsabilidade pela partilha na construção de um mundo mais humano. Uma *escolha de vida* fundada na experiência do *amor* e também dos seus rostos mais sociais: a gratuidade, a generosidade, a solidariedade, o diálogo e a busca do primado, entre nós e entre todas as pessoas e povos, da verdade, da justiça, da igualdade entre diferenças, da paz e daquilo em que tudo o que é humano deveria desaguar, como um largo rio de águas límpidas, livres e profundas: a felicidade.

Sabemos por experiências próprias que não é muito difícil aprender a amar mais ainda a quem já amamos. Um dito corriqueiro dos meus tempos de estudante era assim: “a medida do amor é amar sem medida”, mas quase sempre nós o reservávamos temporariamente às namoradas. O dilema do amor entre as pessoas é bem outro. Ele é o alargamento do círculo das pessoas amadas. Talvez a metáfora mais humana e mais desafiadora para cristãos e não cristãos, seja a parábola do Samaritano. Quem é o meu Outro? A quem eu devo o meu cuidado, o meu desvelo? A quem devo servir, mesmo sem saber quem é “este” a quem sirvo? Quem é digno de meu afeto e quem é o sujeito de meu amor?

Colocadas em um plano abstrato, mesmo quando um plano ainda evangélico, essas perguntas são respondidas sem muito custo. E quem alarga no imaginário dos afetos pessoais ou mesmo na teoria de escolha o seu amor a “todas as pessoas e povos do mundo” por certo não se sente mentindo a si mesma e aos outros. Estamos mesmo vivendo um tempo em que muitas pessoas estendem o campo do seu amor pessoal a estas dimensões e se sentem verdadeiramente “em comunhão com todo o mundo”.

Outras, e o seu número é bem crescente, alargam o dever do amor e da comunhão a tudo o que é vivo entre nós. E algumas levam o amor ao infinito e o cosmicizam, de tal sorte que desejam sentir uma profunda comunhão de sentimentos e de energias “com todo o Universo”. Mas, quem é Universo aí?

Mas algumas vezes, eu que convivo uma longa parte de minha vida com pessoas cotidianas do mundo da universidade, pergunto a mim mesmo e aos meus colegas e alunos: quem é, “ali”, o meu Outro. Quem é ele? E eu descubro e descobrimos juntos que vivemos todos os dias dentro de círculos muito fechados de amizade, quanto mais de ternura e de amor recíproco. Como se chama a mulher quase invisível que deixa limpos todas as manhãs, os banheiros, os corredores e as salas de aulas? Como vive e em que pensa a copeira que serve o café durante as reuniões? Acaso algum dia eu conversei com os jardineiros. Nas placas dos prédios lá estão os nomes dos reitores, dos diretores e dos engenheiros da obra que realizou um dia o lugar onde eu trabalho. E o dos pedreiros? Terminado o prédio, eles podem entrar ali? Não, eles não podem. Uma pessoa anônima, recém-chegada e desconhecida, pode, desde que vestida com a roupa dos que possuem o poder do estudo. Mas eles não podem. E esta primeira exclusão faz parte dos silêncios de nosso dia-a-dia, antes de serem uma teórica “contradição estrutural da sociedade capitalista”?

Em quase todos os nossos cenários de presença na vida cotidiana, convivemos com círculos concêntricos de relações de afeto, de estudo e de trabalho. De modo geral estamos presos a dois ou três círculos restritos. E com ou contra a nossa vontade eles operam por lógicas de inclusão-exclusão. Bem sabemos que uma contínua exclusão de outros parece ser sempre indispensável para que entre os meus genuínos outros possa haver alguma interação significativa. Assim senso, uma expulsão silenciosa de “todos os outros” traça limites confortáveis e parece tornar possível as reciprocidades de nossas vidas “ali”. É preciso que estejam em suas fronteiras, ou mesmo à sua margem, as pessoas que nos servem e que para outros efeitos remetemos a círculos mais distantes. Neles vão ficando, desigual e utilitariamente distribuídos, aqueles e aquelas com quem não temos uma relação afetiva e familiar ou mesmo uma relação utilitária e instrumental qualquer. “Instrumental”, aqui, é sempre um critério de inclusão-exclusão regido por um princípio de valor de trabalho produtivo e de ganhos oportunos.

Sem querer que isto aconteça, mas quase sempre sem fazer nada para que não seja assim, demarcamos com diferentes cores e tons simbólicos e sociais as diversas

esferas de relacionamentos em cujo centro de referência e de identidade nos colocamos. Pois vivemos em culturas onde um “eu” é sempre um centro e está sempre situado em algum centro de. E, desde este legítimo e estranho *centro da vida*, de maneira desigual distribuimos as pessoas com quem vivemos experiências que de maneira sumária qualifico assim: pessoais-afetivas, afetivas-instrumentais, instrumentais-afetivas, instrumentais-próximas, instrumentais-distantes ou mesmo de evitação e de invisibilidade.

Temos sempre boas razões para conviver com esta exclusão de outros, entre próximos e distantes, dos círculos da presença e do afeto em nossas vidas. E, bem sabemos, em tempos e espaços sociais regidos pela lógica do proveito e da intenção de utilidade, que aos poucos nos forçam o transformar pessoas em produtos e relações interativas em relacionamentos regidos pelo desejo do ganho, há uma tendência cultural quase inflexível que nos quase convoca a reduzirmos a poucas as pessoas de *outros* com quem convivemos a experiência do encontro genuíno e da pura relação regida pelo afeto amoroso. Ao mesmo tempo em que, como se isto fosse natural, ao invés de ser socialmente naturalizado, distribuimos por distâncias entre a deferência educada e a indiferença costumeira, os *próximos* tornados *distantes* e os *distantes* tornados *alheios*, em nome do que uma vida interativa ilusoriamente viável e harmônica seja possível.

Podemos rever isto. Podemos visitar este costume cultural perverso, cada um de nós e nós todos, juntos. Podemos repensar a lógica afetuosa de nossos círculos de convivência. Podemos nos abrir a círculos de vidas e de encontros amorosamente mais amplos e melhor entretidos de uma convivência gratuita e desinteressada. Podemos fazer isto de maneira crescentemente motivada, a partir de uma progressiva abertura de nossos tempos de encontros e de nossos espaços de relações de afeto e convivência até limites mais e mais estendidos à pessoas a quem, teórica e politicamente, imaginamos estar servindo através do nosso trabalho intelectual ou militante.

E, então, pouco a pouco poderemos chegar à experiência da partilha e do amor em que já não é um *eu* quem define quem é o meu outro, mas um *nós* solidário convivido por pessoas cada vez mais incapazes de estabelecer em nome da razão instrumental o círculo de pessoas com quem comparte uma vida sem lugar a tornar qualquer outra pessoa um sujeito tornado objeto, porque é útil, sem ser amado.

Este há de ser um primeiro aprendizado. Estender o sentimento do afeto ao outro-

próximo a um tal horizonte que qualquer pessoa, sua presença, seu ser e seu rosto nos sejam um convite a um gesto de reconhecimento amoroso. Quebrar a cada dia, em qualquer lugar da vida, as barreiras que classificam as pessoas e que estabelecem, antes de um primeiro gesto de aproximação, quem são os poucos que podem ser objeto de atenção e de amor, e que são aqueles que devem ficar do lado de fora da ternura, porque para ser bem vivida, a relação amorosa deve ser exclusiva e, portanto, excludente. E chegar então ao momento em que mesmo os que não parecem dignos de qualquer gesto de afeto, talvez venham a ser o limite do desafio da experiência do amor.

E uma bela lembrança escrita um dia por Hanna Arendt poderia caber também aqui. Ela lembra que não é o plural, o círculo do *nós*, que deve ser representado como uma abstração. O *nós*, o *plural*, o *compartido* é a natureza do humano. O singular sim. Não o individual que existe na busca do *outro* e na partilha do *nós*, mas o individualismo que centra o sentido da vida na primazia de um só, que é uma abstração. Quando não é uma doença. Estar bem e conviver o dom do bem é deixar-se somar a e com os outros. Mas somar-se aos outros é o oposto do paralisar o círculo dos “meus outros” quando, do ponto de vista de minhas disponibilidades, meus interesses e meus sentimentos, ele já está “de bom tamanho”. Eis o que lembra Hanna Arendt:

Estar vivo significa viver num mundo que precede a própria chegada e que sobreviverá à partida (...) Não o Homem, mas os homens é que habitam o planeta. A pluralidade é a lei da terra.

O alargamento do diálogo

O diálogo se perde onde o saber é instrumental e a sua avaliação tende ser cada vez mais utilitária. Pois em nome do que é útil e apenas isto, na se deve perder muito tempo em buscar consensos onde antes existem divergências. Mas quando o valor do saber está centrado no sentido da pessoa e na busca de infinitas alternativas de compreensão (nunca de apenas solução) dos mistérios e dilemas da experiência humana, então as divergências se tornam diferenças e os consensos sabem que nunca irão esgota-las ou transforma-las em sínteses proveitosas.

E a mesma coisa que as etnociências desvelam a respeito da pluralidade de concepções outras a respeito de tudo, provenientes de outras cultura, poderia ser aplicada também ao caso de cada pessoa. Cada ser à nossa frente não é apenas a pessoa do rosto de um Outro. Ela é, também, uma fonte original de saber. Ela carrega dentro de si e procura dizer entre palavras e gestos o saber de suas próprias vivências. E esta qualidade de conhecimentos, de memórias e de sensibilidades não pode ser nem medida e nem avaliada. No seu sentido mais simplório e também no mais profundo, ela é única e verdadeira. Posto diante de mim, o rosto vivo de um outro qualquer revela um saber menos formalmente importante do que o de Sócrates. Mas quando este alguém me diz o que sabe, as suas palavras não são, ali, nem menos sábias e nem menos verdadeiras. Porque são suas, e porque um rosto que olha o meu me diz o que a sua pessoa fala. Penso que esta certeza é o fundamento do diálogo. E não ter tempo para ouvir quem me fala, porque aparentemente não me parece alguém “digno de nota”, para ouvir apenas aqueles a quem me disponho a ler, talvez seja o gesto do esquecimento das melhores lições que eu poderia aprender.

A escolha da simplicidade voluntária

Podemos nos ensinar e aprender a repensarmos o sentido da posse e do uso dos bens da Terra em nossas vidas. Quando nos colocamos frente ao dilema de que, em termos gerais, a “humanidade” deve se dispor a modificar por completo o sistema de seus relacionamentos com a natureza, a começar por uma re-educação do consumo de bens, tendemos a pensar este dilema como algo tão planetário, tão universal, que não nos toca.

E esta transformação não apenas de alguns hábitos, mas de toda uma escolha de vida, só poderá ser consolidada se começar a ser tomada como uma questão pessoal, familiar e interativa, no âmbito dos pequenos grupos e das comunidades da vida cotidiana.

Creio que é chago o momento de aprendermos a rever a relação pobreza/riqueza. Até aqui, negando isto ou não, ainda somos servos da lógica do *mundo dos negócios* ao pensar os termos da própria qualidade de vida.

Em nome de nossos direitos pessoais e familiares a um certo padrão de conforto que a tecnologia e o mercado nos prometem, lutamos por “conquistar” um estilo de vida cujo padrão de consumo acaba sendo sempre superior ao das

verdadeiras necessidades de uma vida humana digna e simples. inteiro, a começar por povos do “Primeiro Mundo”, começam a questionar o fervor excitante de uma vida consumista. Começam a colocar questões como a *solidariedade* (que nos espera um pouco adiante) e da *sustentabilidade* (idem) como dilemas e apelos que saem de uma “política dos outros”, para uma “ética de nós mesmos”.

Dado que as riquezas essenciais à Vida o Mundo se exaurem em escala assustadora, a solução não está em buscar novas tecnologias de “conquista da natureza”. Até mesmo os empresários da ALCOA sabem que este caminho apenas apressará o “final dos tempos”, previsto agora mais por cientistas leitores do futuro do que por crentes fanáticos leitores do passado. A única solução viável estará em um outro padrão de relacionamentos com a natureza em termos de não apenas uma “economia de recursos”, mas de toda uma outra escolha de reciprocidades com ela. As comunidades sustentáveis e o próprio desenvolvimento sustentável são apenas a roupa que cobre o corpo de nossas decisões pessoais e interativamente sociais a este respeito.

Podemos adotar uma vida muito mais simples. Podemos viver escalas de consumo, de posse e de uso dos bens disponíveis bastante menores, sem perda nenhuma da verdadeira substância de uma *vida de qualidade*, que bem poderia ser o outro lado de uma obsessiva luta por conquistar uma maior *qualidade de vida*.

Se bem sabemos que, em uma outra dimensão, os recursos do mundo natural, transformados em produtos e em ganhos sociais estão e estarão cada vez mais mal repartidos entre pessoas e entre povos de minha rua, de minha nação de todo o planeta Terra, podemos rever por completo o sentido de nossas escolhas. Não a miséria e nem uma pobreza indesejável, mas uma vida simples e compartilhada deveria orientar a nossa própria relação com o mundo do trabalho. De algum modo, o apelo antigo e atual no sentido de escolhermos estar com os despossuídos, com os excluídos e postos à margem, cujo número apenas aumenta aqui e por toda a parte, não deveria ser apenas uma distante opção política. Ele deve tender a ser uma *escolha de vida*.

A escolha da partilha solidária

Um dos graves dilemas de uma *escolha de vida* pessoal e interativamente coerente com um projeto social de libertação está em que em ba medida algumas disposições conduzidas por preceitos de reciprocidade, partilha a solidariedade, ficam restritas a alguns grupos pequenos e a algumas confrarias. No entanto este é o passo seguinte ao da opção por uma vida simples e despojada, em favor da Vida e em comunhão com os outros.

Não basta a disposição de consumir menos e possuir pouco. Tomada sozinha, esta escolha pode desaguar em uma espécie de renúncia individual e até egoísta. Apenas troco as minhas posses de materiais para espirituais. Mas, fechadas no círculo de mim mesmo, elas acabam resolvendo – ou pretendendo resolver – os “meus problemas”. E tudo o que escrevo aqui conspira contra estes desejos solitários de “crescimento espiritual desde que os outros não me atrapalhem”.

Podemos reaprender a lição simples de possuir pouco e, passo a passo, possuir e consumir em conjunto. Tudo o que passa por nós e flui entre os outros e eu mesmo, poderia passar e fluir em um generoso duplo sentido. Primeiro no sentido quase existencial, quase metafísico de que falei antes mais de uma vez. A experiência de que sou livre quando sou mais do que apenas uma pessoa desapegada. Quando me transformo em uma pessoa que vive o que possui como a experiência de um alguém através de quem as coisas passam, sem serem retidas possessivamente. A segunda pode ser a conseqüência política e ética da primeira. Se assim é, tudo ou quase tudo o que eu possuo (escovas de dentes fora) pode ser progressivamente colocado em comum. Pode sair do círculo de “minhas posses”, “meus bens” ou, pior ainda, “meus ganhos” ou “minhas conquistas”, para o circuito dos dons da vida e da cultura que partilho de forma recíproca (porque no fundo tudo são trocas) com as outras pessoas.

Podemos colocar em comum e partilhar com outros os nossos bens, os nossos talentos e os nossos serviços. Podemos tornar disponível o que possuímos e, assim, podemos passar do penoso *possuir, reter e acumular* para a experiência generosa do *partilhar, ar e trocar*, que nos livra, ao mesmo tempo, do que temos e guardamos para nós, e de nós mesmos, quando nos guardamos para o que temos. E esta é a semente da liberdade.

Estamos também a tal ponto acostumados a viver entre os termos da economia de mercado, onde tudo é pensado em termos de compra-e-venda e de ganhos e perdas, que a possibilidade não propriamente de uma saída do comércio e do mercado, mas de os vivermos em termos centrados no ser das pessoas e, não, no possuir das mercadorias (pessoas incluídas), às vezes nos aparece como uma vaga fantasia. No entanto este seria o caminho mais humanamente realista. E um primeiro passo está no aprendizado de um outro olhar sobre as relações entre as pessoas, sobre as relações entre as pessoas através das coisas, e sobre as relações entre as coisas através das pessoas.

Podemos criar laços duais (como o laço cliente-terapeuta, por exemplo), grupais, comunitários, em redes e, no limite, nacionais e universais centrados em princípios de trocas e de reciprocidades que não excluem os ganhos pelo trabalho, mas que redimensionam a lógica e a ética das trocas de bens, de serviços e de sentidos. Podemos começar a criar formas solidárias e cooperativas de vida interativa e social interpostas entre nós e a economia de mercado. Podemos incentivar a criação de redes de trocas mútuas, de ajuda recíproca, de oferta-e-demanda. Podemos estabelecer princípios de uma outra ética econômica, pois uma economia solidária é possível e está bem mais em nossas mãos do que imaginamos.

Podemos ousar a criação de pequenas unidades de *vida solidária* que nada têm de amadorismo ou de voluntarismo fantasioso. Antes, ao contrário, elas poderiam ser o embrião de uma outra economia e, por decorrência, de uma outra forma de vida social. Algumas experiências de vida associativa e de unidades e redes de trocas de produtos, ou de consumo solidário estendem-se por toda a parte. Por agora são os agricultores e os pequenos artesãos os que nos têm algo a ensinar, pois eles saíram na frente. Mas agora começamos a nos perguntar se não podemos estender a experiência de trocas recíprocas e solidárias a outras esferas de vida e de trabalho, até o momento em que toda uma vida social alternativa torne real a possibilidade de que venhamos a construir juntos, para habitarmos solidariamente, um “outro mundo possível”.

Participação na construção “de um outro mundo possível”

Dentro de um projeto que se imagina emancipatório e onde a palavra *libertação* fertiliza todas as outras, não estamos trabalhando para minorar sofrimentos dos que continuarão sofrendo, ainda que um pouco menos. Estamos buscando aqui e ali participar de ações sociais destinadas a gerarem um outro mundo. O mundo do *lado da vida*, de que falamos seguidamente. Estamos trabalhando para construir em nós e em toda a parte, cenários de vida de pessoas capazes de se assumirem como criadores de seu próprio mundo.

Quando proponho como passos em direção a um caminho emancipatório, algo como a *simplicidade voluntária* e a *partilha solidária*, elas não devem ser compreendidas como unidades isoladas e assumíveis uma sem as outras, e destinadas a gerarem algumas vidas mais “autênticas” em um mundo de vida que nega à imensa maioria das mulheres e dos homens uma existência de mínimos vitais. Não devem ser pensadas e vividas como uma ética dos bons propósitos, como disposições de *escolhas de vida* dirigidas à participação em todo um projeto local, nacional e universal de criação de outras formas de se viver. Destinadas a construírem de fato um outro mundo regido por princípios humanamente solidários; bem distantes dos que regem a economia de mercado e a colonização mercantil da vida humana segundo os termos da globalização neoliberal.

Compromisso com o Povo como meu Outro

Vivemos agora um tempo em que os descaminhos da ordem social não deixam mais categoria identitária alguma ou classe social alguma de fora. Ora, uma certa generalização de um estado de máximos extremos de desigualdade e de exclusão podem nos levar a esquecer que ainda é sobre os pobres e os postos à margem que o peso da sociedade desigual recai com maior força. Ainda são eles os oprimidos de quem falávamos em outros tempos.

E ainda são eles as pessoas e os grupos sociais-testemunho. Ainda é “lá de baixo” que nos chegam os maiores clamores. Mas é também “de lá” que a todo o momento chegam as frentes de luta e de resistência ao Mundo que vive ao mesmo tempo de seu trabalho e de sua exclusão.

Os movimentos sociais populares, como o MST, ou os movimentos de minorias étnicas são e seguirão sendo experiências-guia de todo um trabalho social por onde são iniciados aqui na América Latina e por toda a parte, os enfrentamentos ao neoliberalismo mais consequentes. Se olharmos com calma e densidade o que tem acontecido com experiências sociais que em um primeiro momento atuavam distanciadas das causas populares, como aconteceu com as frentes ambientalistas, veremos que pouco a pouco as mais consequentes foram se aproximando dos movimentos populares. E, então, sem deixar de atuarem em seus campos originais de ação social, elas redesenharam boa parte de seus princípios e de suas estratégias de presença e participação. E isto representou e tem representado um grande ganho de parte a parte. Vivemos em um mundo em que é ilusório pensar a “questão ambiental” sem vínculos bem fortes com a “questão da terra”. E esta última é, desde muitos e muitos anos, uma questão sempre presente nas causas populares, indígenas e de outras frentes sociais.

Vivemos tempos em que as causas e as frentes de luta e de esperança na construção do novo tornaram-se múltiplas e, em alguns casos, bastante movediças e até mesmo efêmeras. Ainda que sejam muitas as alternativas de participação co-responsável na construção do “outro mundo possível”, uma presença junto aos mais excluídos e junto aos movimentos populares ainda é e seguirá sendo a fonte de empoderamento dos outros movimentos emancipatórios. E a redefinição de vidas pessoais e interativas em termos de uma partilha solidária nos deveria impelir a um esforço para repensarmos a nossa própria inclusão profissional na vida social.

Creio que isto tem um sentido desafiador para todas as pessoas que de um modo ou de outro trabalham como educadoras, ou como também educadoras. Incluo aqui todas as pessoas que profissional, vocacional ou militantemente estão envolvidas em relacionamentos por onde passam de forma motivada e intensa tipos de trocas de saberes, de valores de vida, de sentidos de destino, de imaginários e de ideários de gestão solidária do presente e de construção de futuros mais justos e igualitários.

Precisamos mais do que seguir vivendo uma experiência profissional inteiramente imersa na rotina do *mundo do mercado*, reservando pequenas brechas de tempo e de energia (quando sobram) para algum tipo de participação em projetos emancipatórios. Isto é importante e de múltiplas e variadas maneiras envolve dimensões da vida de muitas e de muitos de nós. Mas é toda uma coletiva vida profissional que precisa ser repensada. E em tempos de privatização de quase todos

os campos de trabalho e de uma progressiva colonização empresarial até mesmo de unidades de financiamento de ações sociais, ambientais e outras, como iniciativas da sociedade civil, é cada vez mais desafiadora a solução do dilema de como colocar o exercício de nossas profissões a serviço das maiorias excluídas e ,não, a serviço de minorias excludentes.

A escolha e a vocação da Paz

Assim como a proposta de uma socioeconomia solidária faz sentido no confronto com a economia de mercado que nos coloniza, assim também o apelo pela paz entre todas as pessoas e povos da Terra deve ser ativado em confronto com um “estado de guerra” generalizado e com as formas de verdadeira violência que pesam sobre todos nós. Em um outro momento do que está escrito aqui neste livro lembrei um biólogo para sugerir que o oposto da guerra não é a paz, mas o comércio. Em uma outra direção poderemos compreender que o oposto de uma paz generalizada não é a guerra, mas o comércio, tal como ele tem sido exercido e estendido a toda a Terra.

A paz é bem mais do que um estado de boa vizinhança estendido da rua ao planeta. Ela entretence todas as esferas e todas as dimensões de relacionamentos entre pessoas; entre pessoas e instituições sociais; entre grupos identitários e outros; entre as sociedades e a natureza, entre culturas e ambientes.

De outra parte, mais do que nunca antes tomamos consciência de que tal como tudo, na vida social, e tanto ou mais do que a guerra entre povos e a violência entre pessoas, a paz é uma construção social. Ela é objeto de pensamento, de música e de poesia. Ela habita encíclicas de papas, pronunciamentos de diretores-gerais da ONU, festas com pessoas vestidas de branco, as pombas de Pablo Picasso. E habita, mais ainda, as ações concretas de pessoas e de grupos humanos em seu favor. Somos também nós, as pessoas da vida de todos os dias, os que podemos nos unir em favor da paz. A ela e não apenas ao “ajustamento social” podemos dedicar o melhor de nossos trabalhos profissionais.

Até porque a paz é também aprendível. Tal como o amor e a solidariedade, a paz se vive como um aprendizado. Várias educadoras e educadores do passado próximo e do presente nos lembram que ela não se ensina tanto através do aprendizado das letras e das normas. Uma vocação de paz é gerada sempre que um

contexto amoroso e de profunda aceitação dos outros é criado em casa, na escola, em ambientes de trabalho e em unidades de ação social.

Extensão do Amor a toda a Vida

Se o amor é a experiência mais naturalmente humana e se é por ele, mais do que por pelo exercício da razão, que somos quem somos, em nada o *amor* tem porque ficar restrito aos círculos de vida dos seres humanos. Assim como sabemos que podemos exaurir o Planeta Terra de seus recursos naturais e, assim, torna-la tão triste e deserta como Marte, também podemos reverdecer e recriar por toda a parte a mesma Vida que continuamente ameaçamos.

A passagem de uma margem de escolhas para a outra importa também uma ampliação de relações interativas regidas pelo respeito, pela comunicação amorosa e pela reciprocidade, entre nós e os outros seres com quem compartilamos a Vida na Terra. Este trânsito do primado do *mundo dos negócios* para o *mundo da vida* importa a transferência do desenvolvimento econômico para um desenvolvimento humano. Ele muda relações de domínio e de expropriação utilitária do meio ambiente por relacionamentos sustentáveis em que a natureza deixa de ser vista como um cenário inerte de objetos a serem explorados em nome de interesses de ganância do capital e passa a ser intencionada como um campo de Vida em interação amorosa com outros de seus seres: nós, os humanos.

Como estou o tempo todo falando aqui de pequenas disposições de quem de uma vez ou aos poucos se volta a uma outra *escolha afetiva, estética, ética e política de vida*, quero terminar estas palavras lembrando que uma vez mais podemos descolonizar a nossa vida cotidiana e podemos adotar toda uma série de gestos de sustentabilidade pessoal e interativa. E este “interativa” estende-se a plantas e bichos, à terra e à água.

Experimente comprar mais de produtores orgânicos do que dos tecnológicos. Experimente frequentar menos os grandes super-mercados e mais as feiras de produtores locais e artesanais. Experimente viver entre menos plásticos e entre mais papéis e panos. Experimente somar-se às pessoas de sua rua, de seu bairro, de sua vizinhanças próximas e planetárias atentas ao que se passa neste imenso quintal que começa à sua volta, em sua casa, e estende-se por toda a Terra. Então você saberá por conta própria do que eu estou falando.